



## **PARENTESCO E CASAMENTO: DA FUGA AO MORAR JUNTO NA COSTA DA LAGOA, FLORIANÓPOLIS.**

Juliana P. Lima Caruso<sup>1</sup>.

Este artigo apresenta de forma sintética, parte dos dados etnográficos da pesquisa de dissertação ainda em fase de conclusão realizada na comunidade da Costa da Lagoa, sobre as relações matrimoniais e familiares. Desta forma, buscarei contextualizar o lócus de pesquisa, assim como uma breve explanação sobre a história do local para concomitantemente com os dados etnográficos, pensar as análises da MaqPar realizadas a partir do levantamento dos dados genealógicos.

\*\*\*

A Costa da Lagoa é uma comunidade<sup>2</sup> situada na região noroeste da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Mais especificamente, a Costa encontra-se na parte noroeste da Lagoa da Conceição estendendo-se pelas margens da lagoa até o início das montanhas em um território de 9 km de extensão. As únicas formas de acesso a esta localidade são através de trilhas ou pelo transporte lacustre realizado por duas cooperativas<sup>3</sup>, ambas pertencentes aos moradores da Costa da Lagoa.

Através dos historiadores e pesquisadores da História da cidade de Florianópolis, sabe-se que a Costa da Lagoa foi povoada por imigrantes Açorianos no final do século XVIII. E esta bagagem trazida dos Açores até os dias atuais ainda pode ser notada na arquitetura local e na renda de bilro. No entanto, o pouco que sabemos da História da Costa da Lagoa propriamente dita, pode ser visitada nas falas dos moradores e da socióloga Sílvia Gimeno(1992).

De acordo com Gimeno(1992), a Costa da Lagoa era uma comunidade cuja economia de subsistência estava pautada na agricultura, pecuária e pesca até o início do século XX. Para a autora, a baixa monetarização do local assim como o declínio da agricultura levou os homens da Costa da Lagoa a empregarem-se como “embarcados”, ou seja, pescadores de alto mar ou trabalhadores temporários nos grandes portos do sul do Brasil. Para os moradores, este trabalho

---

<sup>1</sup> Caruso, Juliana. Mestranda em Antropologia Social UFSC/PPGAS.

<sup>2</sup> Utilizo o termo “comunidade” no lugar de bairro já que neste ano de 2010, os moradores da Costa da Lagoa iniciaram um processo junto ao Ministério Público Federal pelo reconhecimento da Costa da Lagoa como “Comunidade Tradicional”.

<sup>3</sup> As Cooperativas, uma localizada no centro do bairro da Lagoa da Conceição e a outra, no bairro do Rio Vermelho chamam-se respectivamente: Coopercosta e Cooperbarco.



oferecia oportunidades diferentes já que outrora, tanto na pesca como na agricultura, existiam dois “sistemas”.

O sistema do “Terço”, para os produtos agrícolas e seu beneficiamento, era uma medida padrão para o pagamento tanto pelo uso da terra como pela utilização dos engenhos. Já o sistema da “Meia”, era usado para a pesca, ou seja, metade do que fora pescado deveria ser dividido com o dono da rede ou da embarcação. No entanto, os dois sistemas acima elencados e o trabalho embarcado acabaram lentamente perdendo a sua força. Passou-se desta forma, já nas duas últimas décadas do século XX a investirem em outra atividade cada vez mais crescente na cidade de Florianópolis- O turismo<sup>4</sup>.

Na Costa da Lagoa, o turismo desenvolveu-se em dois pontos: um voltado para o ecoturismo, e o outro, e mais importante, os restaurantes que servem frutos do mar e contam com a mão-de-obra familiar. Contudo, entre todas estas transformações pelas quais passaram as formas de trabalho na Costa da Lagoa ao longo do século XX até hoje, dois aspectos são ressaltados como presentes/permanentes, pelos moradores da Costa como fundamentais para todas estas formas de trabalhos: a organização por “vila” e “família”.

A Comunidade da Costa da Lagoa é composta por cinco vilas principais. No sentido Sul-Norte, as vilas são: Vila Verde, Praia Seca, Baixada, A Vila (central) e Praia do Sul. A Vila Verde, uma das menores vilas, mantêm o único engenho de farinha de mandioca restante em funcionamento e tem apenas uma família<sup>5</sup>. Após a Vila Verde, temos a vila da Praia Seca. Esta é a segunda maior vila, com quatro famílias, dois restaurantes e um pequeno estaleiro. Já a baixada, é a vila que faz a ligação entre a Praia Seca e a Vila principal, tendo apenas duas famílias.

Na Vila principal temos o “coração da Costa”. Lá estão os principais serviços como o Posto de Saúde, Escola Primária, Salão Paroquial, duas Igrejas (uma Católica e outra Evangélica, a Assembléia de Deus), nove restaurantes, um mercado e um bar. Além disso, a cachoeira, um ponto turístico está situado nesta Vila e próximo a ela estão uma sorveteria e uma loja. A Vila tem o maior número de habitantes da Costa da Lagoa e conta com sete famílias. Por último, a Vila da Praia do Sul, bastante afastada da Vila central, tem um restaurante e duas famílias.

Como abordei anteriormente, entre as permanências que organizam a vida dos moradores da Costa da Lagoa duas figuram como importantes: as Vilas e as Famílias. Todavia, a categoria família

---

<sup>4</sup> O turismo na cidade de Florianópolis, assim como a chegada dos “de fora”- categoria usada pelos “nativos” ou manezinhos para denominar as pessoas provenientes de outros estados do Brasil ou países – encontra-se muito bem discutido no livro de Fantin(2000).

<sup>5</sup> Mais adiante, falarei sobre os conceitos de família locais. No entanto, quando me refiro às famílias “por vila”, estou falando a respeito de aglomerado de residências organizado por descendência.



para os interlocutores é um conceito amplo e flexível. Ao iniciar o trabalho etnográfico, costumava perguntar o que é família. As respostas para esta questão em geral me surpreendiam pela abrangência do termo. Uma interlocutora, ao falar sobre este assunto, começou a responder da seguinte maneira: *“Aqui na Costa, todos são uma família, mas em cada vila tem famílias diferentes”*. Ainda, tanto para ela como para outros, referirem-se a família era falar da casa, ou seja, da família conjugal/nuclear.

No entanto, a família relacionada com a vila apareceu como mais significativa e de acordo com os interlocutores, ela pode até mesmo ser visualizada<sup>6</sup>. Esta forma de identificar família também me foi apresentada pelas enfermeiras/agentes<sup>7</sup> do posto de saúde da Costa da Lagoa. Segundo elas, para “esquematizar” as visitas as casas, elas costumam dividir a Costa da Lagoa entre as vilas e subseqüentemente, cada vila dividida entre as famílias, relacionando para isso com sobrenome. Igualmente, a Socióloga Sílvia Gimeno(1992) em sua pesquisa identificou e nomeou estas famílias como “ famílias dos montes”.

Como pude observar, a maioria destas grandes famílias-caracterizadas pelo conjunto de residências - seguem uma tendência virilocal. Estes agrupamentos organizados de descendência<sup>8</sup>, geralmente estão dispostos ao redor de uma casa central do terreno, à casa dos pais, ou o casal mais idoso da família. Nesta residência que podemos chamar de “central”, moram os filhos e as filhas solteiras do casal mais velho e circundando esta residência, estão às casas dos filhos homens casados.

A partir da observação das famílias por vila e da divisão do trabalho- nos restaurantes ou na divisão dos cuidados com as crianças e idosos- foi possível perceber a dinâmica dos arranjos matrimoniais e das trocas entre as famílias. Desta forma, tanto através dos dados etnográficos como

---

<sup>6</sup> Esta família visível deve-se principalmente ao fato de que as residências ficam dispostas em um mesmo terreno, em geral com a casa do pai/mãe no centro do terreno, as casas dos filhos ao redor desta e os netos mais deslocados desta casa central. Ainda, esta questão da visibilidade me foi apresentada pelos moradores da Costa da Lagoa que em diversos momentos me ensinaram a “ver” estas famílias, apontando para cada aglomerado de casas e mostrando as fronteiras entre uma família e outra.

<sup>7</sup> As agentes de saúde passam durante a semana na maioria das casas para marcar as consultas da semana. Regularmente, um grupo formado pelo médico responsável, uma enfermeira e uma agente percorrem as residências das pessoas idosas para acompanhar o estado de saúde de cada um.

<sup>8</sup> A definição de “agrupamentos organizados de descendência” que estou utilizando é a de GOODE, William (1970) In: A Família. p.97. De acordo com o autor: “[...]este tipo de invenção social tem sido muito difundido e é identificado por vários rótulos tais como linhagens, clãs, **parentelas** e etc.”[...] “contudo, o que diferencia o nosso tipo de sistema de parentesco da maior parte dos demais não é o princípio de descendência utilizado, mas o fato de certos grupos de parentes serem organizados e possuírem direitos e deveres coletivos.” (GOODE, 1970:97).( grifo meu).



dos dados referentes ao levantamento genealógico, e deste último, após seu tratamento pela maqpar<sup>9</sup> foi possível compreender um pouco mais desta rede.

Antes de tudo, entre as 425 pessoas que realizei o levantamento genealógico, apenas quatro casais se casaram sem ser através da fuga, ou seja, realizaram seu matrimônio no civil e no religioso apenas. Para todos os outros casais, aqueles que têm mais do que trinta anos casaram-se através da fuga e os mais jovens optaram pelo “morar junto”.

A fuga matrimonial, geralmente acontece no período noturno em um horário e local combinado pelos cônjuges. Desta forma, a moça “foge”-ou é roubada- da sua casa e após o período de fuga, quando o casal retorna para a sua comunidade eles são reconhecidos por todos como casados. A fuga não é uma exclusividade da Costa da Lagoa, sendo ela conhecida e referenciada por diversos autores<sup>10</sup>. Contudo, na minha pesquisa<sup>11</sup> anterior realizada em um bairro vizinho à Costa da Lagoa, a fuga matrimonial estava mais associada aos interditos sobre cônjuges com alguma proximidade parental. Proximidade esta que recaía principalmente nos casais formados por primos –paralelos ou cruzados- de primeiro ou segundo grau.

Na Costa da Lagoa, a Fuga apresenta algumas diferenças da realizada no Rio Vermelho ou em outros locais referenciados na pela bibliografia sobre o tema. Um ponto que chama atenção é que neste local, a fuga não é uma exceção, que apenas uma minoria pratica e nem mesmo acontece por alguma interdição. Outro ponto, e que se estende também para “o morar” junto é que ao fugir ou “se juntar”, as mulheres são levadas para as terras da família do marido.

Como a fuga- e o “morar junto”-, juntamente com a organização familiar se articulam formando uma trama que guia desde o reconhecimento dos filhos até os cuidados com eles?E como esta delicada renda envolve os parentes e as relações de troca?Longe de responder a estas perguntas, que tem transpassado a escrita da minha dissertação, gostaria de apresentar alguns dos dados etnográficos assim como a análise com a MaqPar que tem apontado nesta direção.

Ao buscar compreender as famílias assim como a fuga, foi possível perceber que apenas os filhos permanecem, sendo as mulheres que vão morar nas terras do cônjuge. Desta forma, as

---

<sup>9</sup> MaqPar( Máquina do Parentesco) é um programa computacional criado pelo Professor Dr. Marcio Ferreira da Silva(USP) e pelo Dr. João Dal Poz(UFJF) baseado na teoria dos grafos que leva em consideração a teoria da alianças Levistraussiana. Neste programa, são estabelecidas redes de ligação entre consangüíneos e afins. A análise dos dados da minha pesquisa resultantes da MaqPar ainda estão em fase de conclusão.

<sup>10</sup> Resumidamente, autores que interpretam a fuga matrimonial como uma forma de burlar interditos ou preservar a honra familiar/ da moça são: Woortman e Woortman(1993), Pitt- Rivers (1979), Wiggers (2006) e Silva(1994). Outros autores pensam a fuga de forma mais relacionada a escassez econômica dos cônjuges, que impossibilitaria festividades ou dote. São eles: Lupi e Lupi (1985),Maluf(1993), Arend (2001) Gnaccarini (1989) e Samara (1985).

<sup>11</sup> A pesquisa fora realizada no ano de 2008 para Conclusão de Curso em Ciências Sociais – UFSC.Intitulada : Interditos Matrimoniais: Os contextos da fuga no Rio Vermelho.



mulheres não recebem herança da sua família, apenas do marido e os filhos não levam o sobrenome materno. Durante as entrevistas, em todos os casos de falecimento da esposa, que na maioria deles estava associado ao “morrer de família”, categoria usada para morte durante/em decorrência do parto, se esta mulher já tivesse filhos, estes não ficariam com o seu cônjuge ou na família dele, mas sim voltariam para a família desta mulher e em dois casos que tive conhecimento, foram cada uma das crianças distribuídas para cada irmão desta mulher.

Da mesma forma que as crianças são distribuídas para os parentes maternos pelo falecimento da mãe, os casos de “empréstimo” de filhos também são apenas para os irmãos da mãe. Segundo uma interlocutora, no passado era uma prática aceita que uma mãe com muitos filhos poderia “emprestar” um para outra irmã/irmão que não pudesse/tivesse filhos:

“Mas porque ele foi para a casa da tia?

-Ela não tinha filho para mandar nele né. Para ir a uma venda, buscar leite, fazer as coisas para ela, ajudar ela a fazer as coisinhas. Aí, como eu tinha, eu disse para ela, “não, eu tenho, se queres eu dou um para tua companhia.” Aí, ele foi e ficou, e lá casou.

- É, quem tem muito tem que ajudar quem não tem né?.”(Aline, 74 anos)<sup>12</sup>

Se estas práticas de circulação de crianças fazem parte do passado, atualmente os arranjos nos cuidados com os filhos, quando não estão sob os cuidados maternos são bem parecidas com as de outrora. Desde a transmissão de conhecimentos sobre os primeiros cuidados com o bebê até o tempo de vigilância sobre as crianças nos períodos em que as mães trabalham, estão sempre a encargo dos parentes do lado paterno desta criança. São as sogras e cunhadas que trocam favores na criação e educação das crianças próximas.

Esta vivência dentro da família por vila estabelece um parentesco maior entre duas crianças criadas no mesmo terreno do que entre outros parentes que vivem em outra vila/terreno. Este parentesco é muitas vezes explicado pelos moradores da Costa da Lagoa através da palavra *conhecimento*. O parente que se tem conhecimento, como me foi dito, é aquele que faz refeições diariamente com a pessoa, cresceu/vive no mesmo terreno, participa das festividades e divide muitas vezes seus ganhos (dinheiro e peixe). O *conhecimento*, conforme é colocado pelos interlocutores me parece central para pensar a circulação de pessoas e nas escolhas matrimoniais na Costa da Lagoa.

Das análises já apuradas pela MaqPar, foi possível observar que aproximadamente 60% dos casamentos na Costa da Lagoa acontecem dentro da própria comunidade, sendo que 10% dos casamentos com outros locais acontecem com cônjuges do Rio Vermelho. Destes casamentos endogâmicos, 70,2% deles são virilocais, ou seja, as mulheres que vão para a vila dos seus esposos.

---

<sup>12</sup> Nome fictício.



Todavia, as uniões dentro da mesma família relacionada por vila são poucas. Por outro lado, a partir das análises da MaqPar, tivemos conhecimento de uniões entre parentes classificatórios como tio/sobrinha, entre outros, mas que no entanto, moram em vilas diferentes.

### *Considerações Finais:*

Este artigo procurou apresentar resumidamente as análises iniciais da minha pesquisa de dissertação, esta ainda em fase de conclusão, assim como a experiência, também ainda em fase de aprofundamento, com a MaqPar.

A partir das redes geradas pela MaqPar, busquei pensar como as diferentes formas de pensar a família e o parentesco, assim como uniões matrimoniais e a circulação de pessoas- sejam elas filhas/os ou cônjuges- se inter-relacionam e dinamizam estas redes de relações.

### *Referências Bibliográficas*

- AREND, Sílvia. **Amasiar ou Casar? A Família popular no final do século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- CARUSO, Juliana P. L. **Interditos Matrimoniais: Os Contextos da Fuga no Rio Vermelho**. 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GIMENO, Silvia Inês Dufech. **O Destino Viaja de Barco: Um estudo Histórico, Político e Social da Costa da Lagoa e de seu processo de Modernização. (1930-1990)**. 1992. (Pós-Graduação em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GNACCARINI, J.C. O Rapto das Donzelas. In: **Tempo Social**: USP, 1989.
- LUPI, João Eduardo Pinto Bastos; LUPI, Suzana Maria; LOSEKMANN, Maria Sandra. **São João do Rio Vermelho: Memória dos Açores em Santa Catarina**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1985.
- MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas, bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PITT-RIVERS, Julian. **A Antropologia da Honra ou Política dos Sexos: ensaios de antropologia mediterrânea**. Barcelona: Critica, 1979.
- SAMARA, Erni de Mesquita. **A Família Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, Marineide Maria. **“Isso é feio” “Isso é bonito”**: Casamento, fuga e honra em Ponta das Canas. 1994 (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



WIGGERS, Raquel. **“Sou daqui da Caieira da Barra do Sul”**: Parentesco, família, casa e pertença em uma localidade no sul do Brasil.2006.( Doutorado em Ciências Sociais) UNICAMP. Campinas, 2006.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen F. **Fuga a Três Vozes**. Anuário Antropológico 91, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.